

Nós fizemos!...

E agora? - 2º de uma série

Raimundo Mesquita (*)

NO TEXTO ANTERIOR, além do propósito de produzir registro histórico da realização da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, tive o cuidado de deixar consignada uma questão dirigida a todos os orquidófilos brasileiros: o que fazer com o acervo de experiência adquirido com a produção daquele evento mundial e, também, sobre o estágio que pretendemos para a nossa orquidofilia, depois da demonstração, que demos, de maturidade e, sobretudo, de capacidade de realização e de participação? Ficou implícita a pergunta: será que já podemos dizer que temos uma orquidofilia de âmbito nacional, com fisionomia brasileira própria, desprendida das particularidades regionais e com um caráter nacional que a distinga, também, no cenário orquidófilo internacional?

As respostas, não as tenho, nem pretendo te-las, já que não tem de ser dadas por mim, nem por este ou aquele orquidófilo, mas pela atitude que, em conjunto, venhamos a assumir os orquidófilos brasileiros de qualquer categoria, amadores ou profissionais, em suma pelo rumo que adotemos daqui por diante.

Mas, a mim me parece que, sem um intercâmbio regular, em âmbito nacional e internacional, com seus sadios reflexos para o nosso acervo de conhecimento científico ou horticultural e, ainda, econômico, não se poderá atingir nunca a abrangência que foi um dos aspetos distintivos da Conferência.

Em suma, quer parecer-me, como deixei dito no texto anterior, que está na

hora de pensar-se em dispormos no Brasil de um evento internacional, com caráter permanente e rotineiro, com periodicidade regular, bienal talvez, como é de costume no mundo inteiro, que possa inscrever-se no calendário internacional do mesmo modo que as feiras que se realizam na Europa, na Ásia, na África meridional, nos Estados Unidos e, aqui mesmo na América latina, em países como México, Colômbia, Equador, para só citar alguns.

A grande vantagem que o Brasil leva deriva, indiscutivelmente, da sua extensão geográfica, do seu acervo florístico nativo e, como decorrência, da variedade de práticas de cultivo, como das particularidades do gosto florístico e das preferências que se distribuem pelas suas "províncias" orquidófilas.

Creio que já temos a massa crítica necessária, com sociedades orquidófilas fortes, bem estruturadas e com larga experiência de eventos, locais e regionais, como, também, já agora, internacionais (refiro-me, não apenas a 15th WOC, mas, ainda, à Orchirio 94 e às duas Expointer realizadas com anterioridade em São Paulo e às quais acorreram, mesmo sem grande divulgação internacional, grandes contingentes de participantes estrangeiros).

Falta pouco, muito pouco para que tenhamos todas as condições para produzir, com êxito, eventos internacionais: 1º, uma entidade orquidófila de âmbito nacional, que possa, com o consentimento e a participação das sociedades locais e regionais, responder por decisões políticas, tais como localização, captação de meios e

abrangência, como pelos aspectos administrativos e logísticos que envolve uma feira mundial de grande porte, como pela elaboração dos projetos, técnico e econômico; e, 2º, um sistema brasileiro de julgamento.

UMA ENTIDADE ORQUIDÓFILA DE ÂMBITO NACIONAL.

É evidente que duas entidades orquidófilas brasileiras reúnem condições quase plenas para o desempenho do papel de coordenação nacional desse tipo de evento, a Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil - CAOB e, pelo estágio que alcançou, em termos nacionais e internacionais, a Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C. - ORQUIDARIO

No que pese a capacidade de realização de entidades como as citadas e algumas outras que detêm grande acervo de experiência na realização de eventos de grande porte (caso das Federações, gaucha e catarinense, como, também, de algumas sociedades orquidófilas, de São Paulo, Minas e Espírito Santo), há que ter-se presente que um evento com as características de uma bienal internacional, precisa de uma forte coordenação central, que se responsabilize pelo planejamento econômico e cuide da enorme massa de questões administrativas que um evento desse porte acarreta (1).

UM SISTEMA BRASILEIRO DE JULGAMENTO.

Pode, até, parecer uma contradição que, no momento em que proponho e defendo a realização permanente e periódica de eventos internacionais, no Brasil, eu esteja sugerindo a instituição de um sistema brasileiro de julgamento para aplicação nesses eventos.

Mas, parto, em justificação, do seguinte: tenho que sistemas de julgamento

internacionalmente aceitos, como os que se praticam nas conferências mundiais, não são adequados para eventos como a sugerida, Bienal Brasileira de Orquídeas. Do mesmo modo, outros sistemas de julgamento, como o da American Orchid Society, no que pesem as suas excepcionais virtudes, tem, para nós brasileiros, pelo menos, uma inconveniência, que decorre, mesmo, da sua origem, ou seja, resultam de uma formação diversa da nossa, de outra visão cultural, de outro tipo de sensibilidade florística.

Além disso, a adoção de sistemas de julgamento como os da AMERICAN ORCHID SOCIETY - AOS ou da ROYAL HORTICULTURAL SOCIETY - RHS, da Inglaterra, apenas para exemplificar, costuma levar, inevitavelmente e sem nenhuma vantagem prática, a julgamentos paralelos e repetitivos feitos segundo os critérios locais a que estão habituados a maioria dos expositores.

Não tenho dúvidas de que um sistema de julgamento adulto e autônomo, como são os que acabei de referir são reflexo de uma filosofia, de uma ideologia que se funda basicamente em valores estimados e preferidos por um determinado grupo de praticantes de alguma arte ou, como no nosso caso, de cultivadores. Não dá para transpor ou copiar pura e simplesmente.

Pode entender-se muito bem o que estou querendo dizer se se leva em consideração, por exemplo, o trabalho que vem desenvolvendo produtores e cultivadores brasileiros em torno de alguns gêneros muito importantes no curso da história da orquidofilia. Vejamos o esforço de aprimoramento morfológico de algumas das nossas espécies nativas, a busca permanente por parte de alguns produtores e cultivadores de melhoria de forma e aumento do número de flores por haste, particularmente com *Cattleya loddigesii*, *C. labiata*, *C. warneri*, *C. intermedia* e

Laelia purpurata. Os resultados obtidos são tão espetaculares que em alguns momentos chega a pensar-se que já não se trate de uma espécie, de tal maneira se perderam, através da sucessão de cruzamentos, certos caracteres que a distinguem e caracterizam e, por que não dizer, constituíram, ao menos, na origem, o interesse, o atrativo por aquelas flores.

Penso que há que levar-se em consideração a necessidade de abrigar, num sistema de julgamento, critérios para avaliar espécies puras em separado das aperfeiçoadas (isto, para mim, tem, pelo menos, a importância de poder estar-se estimulando, pela premiação, a preservação de espécies, com suas características primitivas). Acredito firmemente que não dá para julgar pelo critério de comparação, que, a final de contas, é uma das bases de qualquer julgamento, coisas tão dissímiles como uma *Laelia purpurata* que mantenha as suas características morfológicas nativas, com suas pétalas e sépalas torcidas e reflexas (e que tem um encanto próprio, deve reconhecer-se) e uma dessas maravilhosas *L. purpuratas* de flores gigantescas, desenhos caprichosos, tonalidades especiais que vem sendo produzidas por alguns cultivadores brasileiros, especialmente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Para tudo isto há que levar-se em consideração movimentos em defesa da manutenção da pureza de nossas espécies e de que são exemplos eminentes a pregação que vem fazendo nas suas palestras a ecóloga Lou Menezes ou a atividade que precisa ser mais conhecida e difundida do grupo do Projeto CAAPORA de São Paulo (2).

Enfim, há tanto a fazer e muito a dizer, que vou continuar. Espero que outros, com mais experiência e competência, venham, também, externar seus pontos de

vista, eis que o que proponho é uma tomada coletiva de consciência quanto à nossa capacidade de fazer e pela inserção do Brasil no espaço orquidófilo internacional a que tem direito.

NOTAS

- (1) O esquema organizacional para condução da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas foi o seguinte: a) Comitê Organizador, que, posteriormente, se transformou em Comitê Executivo, assistido por um Conselho Consultivo. As atividades de planejamento e executivas subdividiram-se em grupamentos relacionados com as diversas funções a serem desempenhadas. Foram escolhidos, nos Estados e Distrito Federal, representantes ou sub-comitês (São Paulo), que funcionaram como canal de ligação e comunicação entre o Comitê e as sociedades e organizações locais. Constituiu-se, em paralelo, uma sociedade comercial, a OrchiRIO, Empreendimentos e Exposições, Ltda., para desempenhar funções para que havia necessidade de um pessoa jurídica formal.
- (2) O Projeto Caapora é um empreendimento da maior relevância, conduzido por um grupo de orquidófilos de São Paulo e que tem como objetivo central a preservação de espécies nativas, tais como orquídeas e bromélias. Para saber mais, escreva para Artur Norberto Heger, rua Melo Matos 42 - Ipiranga, 04.280-040, São Paulo, SP. Fax (011) 216-9838.

(*) Rua D. Mariana 73/902
22280-020 - Rio, RJ